

DOI: 10.47456/t1t37a64

Ensino-aprendizagem dos conceitos geográficos na perspectiva histórico-cultural

Teaching and Learning Geographical Concepts from a Historical-Cultural Perspective

Ubiratan Bomfante dos Santos
Ueber José de Oliveira

Resumo: Este trabalho objetiva abordar conceitos geográficos como espaço geográfico, paisagem, lugar, território e região para a compreensão de conceitos científicos que são utilizados e mobilizados no ensino aprendizagem do ensino fundamental anos finais. É importante no ambiente escolar que o professor fique atento e leve em consideração o espaço vivido pelos alunos, aproveitando o conhecimento conceitual prévio que o aluno carrega consigo para que o mesmo por meio da mediação do professor e, relação social com outros alunos possam reelaborarem e aprimorarem seus conceitos atribuindo-os novos significados. Traremos a contribuição e proximidade da teoria histórico-cultural de Vigotski na voz de Cavalcanti (2005) para o ensino de geografia. O presente estudo se pautará metodologicamente numa pesquisa de cunho bibliográfico para tratar das reflexões em torno dos conceitos da área de ensino de geografia.

Palavras-chave: Conceitos geográficos. Teoria histórico-cultural. Ensino de geografia

Abstract: This paper aims to address geographical concepts such as geographical space, landscape, place, territory and region for the understanding of scientific concepts that are used and mobilized in the teaching and learning of final years of basic education. It is important in the school environment that the teacher pays attention and takes into consideration the space lived by the students, taking advantage of the previous conceptual knowledge that the student carries with him so that he himself through the mediation of the teacher and, social relationship with other students can reelaborate and strengthen the newly attributed concepts meanings. We will bring the contribution and proximity of Vigotski's historical-cultural theory to the voice of Cavalcanti (2005) for geography teaching. The present study will be based methodologically on a bibliographic wedge research to deal with reflections around the concepts of the area of geography teaching.

Keywords: Geographical concepts. Historical-cultural theory. Geography Teaching

Introdução

Os conceitos geográficos científicos ou categorias geográficas, juntos com os conhecimentos conceituais prévios que os alunos carregam consigo e a experiência prática e teórica do professor de geografia, contribuem para o ensino e aprendizagem dos alunos, para que os mesmos desenvolvam o seu raciocínio geográfico a partir do espaço em que ele está inserido e se relaciona.

A geografia estuda o espaço geográfico em sua constituição e transformações. Espaço que é construído e transformado pela ação humana. O espaço geográfico em que nós estamos inseridos como sujeitos em âmbito local e global que interferimos em sua modificação

e ao mesmo tempo somos modificados. Assim ao fazermos reflexões a respeito do ensino de geografia, devemos levar em consideração as transformações que ocorrem na política, economia, sociedade, cultura e ambiental tanto no micro e marco, ou seja, local/global. Nesse sentido Silva e Silva (2012, p. 2) destaca que é importante

[...] propiciar ao educando uma análise do espaço geográfico, através da construção das categorias geográficas permitindo uma aproximação com sua realidade, bem como sua compreensão e diferentes formas de intervenção do espaço vivido. Pois, a partir do momento que o aluno visualiza sua inserção no contexto local conseguirá compreender o contexto regional, nacional e global. Assim, a utilização dos saberes geográficos no cotidiano dos alunos contribuirá para melhorar os resultados da prática docente.

Para que o raciocínio geográfico seja desenvolvido pelo aluno e que também desenvolva uma consciência crítica no proceder de suas atitudes, é importante conhecer e aprender a construir os conceitos geográficos de forma articulada e crítica criando novos significados, possibilitando-o compreender os elementos constitutivos do espaço geográfico de onde ele está inserido. Nessa perspectiva, o aluno percebe-se como sujeito atuante do espaço local, o que facilita estabelecer uma conexão local, regional, nacional e global (Silva e Silva 2012).

Assim, este artigo é constituído em duas partes. A primeira parte abordará os conceitos geográficos de Espaço Geográfico, Lugar, Paisagem, Território e Região e suas definições teóricas a partir das lentes da geografia. A segunda parte traremos as contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino-aprendizagem desses conceitos científicos no ensino de geografia.

Categorias Geográficas

Espaço Geográfico

A compreensão do espaço geográfico se dá a partir de “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 1996, p. 51).

O espaço deve ser considerado um conjunto de relações realizadas por meio de funções e de formas que apresente como testemunho de uma história escrita e materializada por processos que ocorreram no passado e ocorrem no presente. O espaço geográfico é o produto da ação humana sobre o próprio espaço que são intermediados pelos objetos naturais e artificiais (Santos, 1986). Nessa ação, entra o domínio das técnicas como força de produção e transformação do espaço. Por meio da técnica produzimos o que necessitamos e ao mesmo tempo transformamos e modificamos o espaço. Novas necessidades e novos desejos vão surgindo, voltamos a mobilizar novos sistemas de ações para produzir novas técnicas gerando novos sistemas de objetos e novas formas de organização espacial. Nas palavras do autor, o espaço

[...] constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção do espaço (Santos, 2008, p. 67).

O desenvolvimento dos conceitos geográficos possibilita aos alunos a compreensão e leitura do mundo. O espaço geográfico sendo pensado como espaço social e concreto que está sempre em movimento, requerendo sempre uma análise de elementos da sociedade e natureza que se interrelacionam (Cavalcanti, 2005).

Lugar

O termo lugar, no viés da geografia tradicional, se define a partir das características locais de aspectos físico-naturais e cultura própria da área determinada, ficando restrito a uma questão de localização; uma individualização das parcelas do espaço. Perpassando essa visão tradicional e analisando o conceito de lugar, pela ótica da geografia humana, ele é compreendido, visto e percebido como espaço vivido. O lugar traz consigo as características da vida que nele habita. A vida humana se relaciona e se realiza nele com laços de afetividade e

significados. O lugar é tomado para estudo a partir das relações e ligações subjetivas entre o sujeito e o espaço (Costa e Rocha, 2010).

Pela lente da geografia crítica a definição de lugar está relacionada a valorização das questões político-econômicas. Ele passa a ser o palco dos embates das classes sociais. “O lugar é o espaço do particular, estando presentes os elementos históricos, culturais e a identidade; revelando as especificidades” (Costa e Rocha, 2010, p.52). É no lugar que as contradições da globalização ocorrem, se contrapondo a ideia de aldeia global, pois os lugares são carregados de particularidades e possibilidades. Na visão crítica segundo Costa e Rocha (2010, p. 52), existe uma

[...] inter-relação dinâmica entre as escalas: local, regional, nacional e global. Com a expansão das relações capitalistas de produção não é mais possível estudar o lugar sem uma preocupação efetiva com suas conexões com o global através das redes e fluxos. Porém, mesmo com a globalização, as especificidades do lugar não desaparecem. Pelo contrário, as características próprias e peculiares conseguem coexistir, contraditoriamente a tendência de homogeneização imposta pelo capital internacional.

Nessa direção Carlos (1997, p. 303) acentua que o lugar pode ser compreendido como uma parcela do espaço na qual é possível apreender manifestações do mundo moderno, desde que a dinâmica mundial não elimine as particularidades locais. O “lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular”, assim, o lugar se revela como elo de articulação entre a mundialidade em formação e o local enquanto realidade e especificidade concreta enquanto momento.

A relação do homem com o espaço era local-local. Passou a ser ampliado no mundo contemporâneo para local-global, pois sendo ao mesmo tempo global, as relações se materializam nos lugares específicos. O lugar é carregado de relações históricas e vínculos afetivos que unem os indivíduos nele. As paisagens que o compõem dão a ele características próprias, tornando-se importantes para o estudo da geografia no tempo e no espaço específico (Silva e Silva, 2012).

Segundo pesquisador, para que o aluno possa compreender as relações entre o local, o regional, o nacional e o global é preciso dar importância, compreender e trabalhar o espaço vivido pelo indivíduo.

Faz-se necessário ler o lugar para compreender o mundo em que vivemos e estabelecermos conexão em escala local/global. A partir desse pressuposto podemos levantar temas e problemáticas a partir da realidade do lugar do indivíduo para ascender a luz da curiosidade no aluno ao estudar geografia, levando-o a fazer questionamentos como e porque as paisagens se alteram no decorrer do tempo; como era o lugar antes de ser ocupado e como se deu o processo de ocupação.

Paisagem

A paisagem não cabe apenas a restrição do visual ou apenas das formas de elementos constitutivos do espaço geográfico. A paisagem vai além do que pode ser contemplado pela visão, sendo um conjunto das interações homem e meio. A paisagem é o produto, o resultado da articulação entre os elementos físico-naturais, biológicos e da ação humana, pois esses elementos são indissociáveis entre si, caracterizando a paisagem numa certa parte do espaço (Silva e Silva, 2012).

Segundo Milton Santos (1996), paisagem não é sinônimo de espaço geográfico. As paisagens são formas que exprimem as diversas relações entre o homem e a natureza. Para o autor a paisagem é diferente do espaço, é a

[...] materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parado como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade (Santos, 1994, p.72).

A paisagem nos possibilita analisar o espaço geográfico a partir da união de elementos naturais, técnicos, socioeconômicos e culturais. Podemos perceber a paisagem como “[...] forma (formação) e funcionalidade (organização) [...], percebendo-a como um processo de constituição e reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social” (Silva e Silva, 2012, p. 8). As condições sociais são materializadas na paisagem. Encontramos elementos naturais na

paisagem que já foram transformados pela ação humana, que passa a ter uma nova cara, sendo agora um elemento humanizado, artificial. Para a compreensão da paisagem é preciso perceber a coexistência de objetos e ações. Portanto, segundo Callai (2000), a história de uma população de um determinado lugar pode ser lida por meio da paisagem, visualizando as características dos recursos naturais presente no lugar, assim como o uso desses recursos.

Território

A definição etimológica da palavra território, define-se como parte da terra que é apropriada, onde há a posse, o exercício do domínio, dentro dos limites de uma jurisdição político-administrativa.

O alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) consolidou a geografia como ciência na Alemanha desenvolvendo teorias referentes a Antropogeografia e Geografia Política. Sua base levava em conta o “espaço vital”, visto como uma relação entre o estado e a sociedade. Afirmava sobre a necessidade de o homem sempre buscar a ampliação do seu espaço vital (Vieira e Camargo, 2021).

Segundo Andrade (1989), Ratzel naturalista e etnógrafo alemão, viveu o período da unificação alemã e alinhou seu pensamento aos interesses da burguesia da época. Em Antropogeografia, defendeu que o meio físico exerce forte influência sobre o homem e sua organização social, motivo pelo qual é considerado fundador da escola determinista alemã. Mais tarde, aprofundou seus estudos sobre o Estado, analisando sua relação com o espaço e comparando estados continentais com estados marítimos, afirmando que a política de cada estado depende de sua posição geográfica.

A Alemanha passa a ser o palco das primeiras metodologias e correntes do pensamento geográfico, levando em consideração base, o território; visto que, ainda no século XIX, a Alemanha não tinha ocorrido sua unificação territorial, pois sua unificação ocorrera em 1870, expandindo seus domínios territoriais e poder. Moraes (1992, p. 46) fez uma discussão a respeito da organização territorial alemã, em que temas como “domínio e organização do espaço, apropriação do

território, variação regional, entre outros, estarão na ordem do dia e na prática da sociedade alemã. É, sem dúvida, deles que se alimentará a sistematização geográfica”.

O território é compreendido sob a perspectiva do uso. Constitui-se como um todo complexo, onde se dá as relações de poder e conflitantes. Precisa ser compreendido numa totalidade escalar, global para o local. O território compreendido por meio do uso, podemos defini-lo como conceito. Para Costa e Rocha (2010, p. 46) “tal entendimento é demasiadamente importante, visto que tem como preocupação principal a ação e a utilização desempenhada pelos seres humanos na produção do espaço”.

Nessa lógica, Santos (2002, p. 9) define território como o

lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem é plenamente realizada a partir das manifestações da sua existência. [Nesse sentido] a Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, na nação, do lugar.

Segundo Santos (1999), devemos correlacionar o território com o poder - o poder público, o poder do Estado e o poder das grandes empresas, importando compreender como se dão os usos do Território. Silva e Silva (2012, p. 09) ressaltam que o território passa a ser definido por meio das relações de poder que são manifestadas e materializadas nas práticas sociais na qual o indivíduo está inserido. O espaço passa a ser territorializado a partir do momento que é apropriado, “a depender das diversas escalas, os atores sociais produzem territórios a partir de estratégias de seus interesses as quais comumente se chocam”.

Região

A palavra região derivada do latim *régio*, faz referência à unidade político-territorial de divisão do Império Romano. Região nesse contexto político-territorial tem a atribuição conceitual de governar. Dividir o território em região para facilitar o ato de quem governa. “A região como meio para as interações sociais, tratando-se da ideia política da região com base na ideia de dominação e poder constituindo fatores fundamentais na diferenciação de áreas” (Silva e

Silva, 2012, p.10). Para o ensino desse conceito ou categoria geográfica, regionalizar consiste na divisão do espaço, levando em consideração alguns critérios sejam eles físico-naturais, étnicos, culturais, levando em conta suas características comuns, agrupando áreas conforme suas especificidades

[...] as divisões regionais não são definitivas, assim como não pretendem apresentar a totalidade da diversidade espacial, mas sim, devem contribuir para a compreensão de um problema, sendo um meio e não mais um produto. Neste contexto, a região é uma classe de área, fruto de uma classificação geral que divide o espaço segundo critérios que justifiquem a sua importância para determinadas explicações. Por outro lado não se deve obscurecer seu lado essencial, o de fundamento político, de controle e de gestão de um território (Silva e Silva, 2012, p. 10).

O conceito desenvolvido pela escola francesa direciona a região para a diferenciação de áreas, pois a superfície terrestre é composta por áreas diferentes, levando em consideração as características físico-naturais como clima, relevo, vegetação. Pela ótica o determinismo ambiental, a região estava restrita apenas como região natural devido sua uniformidade. O homem fica de fora, pois era os elementos naturais que determinavam as condições humanas. (Costa e Rocha, 2010).

Para Corrêa (2003, p. 24) a região na concepção do determinismo ambiental:

A região natural é entendida como uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciariam ainda mais cada uma destas partes. Em outras palavras, uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes.

Segundo pesquisador, a região vista pelo possibilismo geográfico, ela deixa de ser natural, passa a ser geográfica. Agora o homem passa a ser o agente/sujeito transformador da natureza e ao mesmo tempo receptor de sua influência. A região se torna objeto de estudo abrangendo uma paisagem e sua extensão, entrelaçando os elementos naturais com a ação transformadora do homem. Corrêa (2003, p. 28) situa que

reagindo ao determinismo ambiental, o possibilismo considera a evolução das relações entre o homem e a natureza, que, ao longo da história, passaram de uma adaptação humana a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem e um gênero de vida, ambos próprios e peculiares a cada porção da superfície da Terra.

O paradigma possibilista desenvolvido na França por La Blache aborda a região geográfica. La Blache evidencia as individualidades e singularidades resultantes da combinação entre os elementos humanos e naturais, colocando o termo região como região geográfica (Costa e Rocha, 2010).

A geografia crítica analisa a região visualizando e percebendo as características do capitalismo, que tem sua impregnação na vida social como um sistema nato em promover o desenvolvimento desigual. De acordo Costa e Rocha (2010, p. 49), “a região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações e das contradições materializadas no espaço. O enfoque está dentro da temática centro e periferia”.

O próximo item procura trazer as contribuições que a teoria vygotskyana pode oferecer ao ensino de geografia, sobretudo no processo de construção de conceitos geográficos.

Contribuição da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski para o ensino-aprendizagem de geografia

A teoria desenvolvida por Vigotski conhecida como Histórico-cultural é direcionada para ao caráter histórico e social do psicológico humano, e sua interferência no desenvolvimento. Para Vigotski consciência e comportamento são unificados, não podem ser entendidos de forma separada. Logo, por meio da relação interpessoal social e cultural, ocorre atrelado a isso o desenvolvimento intrapessoal dos processos psicológicos superiores. Os processos psicológicos superiores pertencem apenas aos humanos, são natos; como é caso da escrita, memória, percepção, hipóteses e pensamentos. (Cavalcanti, 2005).

A Geografia em suas expectativas de aprendizagem, assume a responsabilidade de investigar e estudar a superfície terrestre e a distribuição espacial dos fenômenos que se destacam na paisagem.

Dedica-se ainda, ao estudo das relações mútuas entre o ser humano e o meio ambiente, considerando o lugar onde se vive as dimensões territoriais e as formas de apropriação da natureza. Nesse sentido, Vieira e Camargo (2021, p. 90430) destaca que na Teoria Histórico-Cultural aponta uma

[...] natureza social da aprendizagem a partir das interações sociais que o indivíduo desenvolve suas funções psicológicas superiores. Nesta perspectiva há uma primazia entre a proposta do autor que se adequa aos pressuposto do ensino de geografia pois é considerado o ensino aprendizagem como um processo dialético que é caracterizado por transformações, alterações, movimentos e mudanças, que se incluem fatores internos e externos.

Segundo Cavalcanti (2005) os processos psicológicos superiores são desenvolvidos e armazenados na mente do ser humano por meio de sua relação com outro no plano social e cultural, sendo essa relação mediada pelos signos. Rodrigues e Angotti (2023, p. 74-75) assevera que a morada dos signos é a

[...] mente humana, visto que são estes exclusivamente humanos, sendo representados por objetos, formas ou fenômenos que representam algo diferente de si mesmos. [...] a linguagem, as imagens, fenômenos, desenhos, as artes são formas de signo, ou seja, dimensões simbólicas que intermediam nossa relação com o mundo e conosco, configurando seu desenvolvimento, dentro do processo contínuo de mediação com o meio, artefatos e componentes culturais, que o rodeiam.

De acordo Cavalcanti (2005), o desenvolvimento das funções mentais superiores ocorre no campo da vida social, passando por processos de internalização por meio de instrumentos de mediação. A internalização é constituída pela relação social. Fazermos a internalização por via da interação com abjetos criados pela evolução das técnicas. A partir desse processo contínuo, vamos reconstruindo nossa subjetividade. O processo de internalização das formas culturais pelo indivíduo inicia-se nas interações sociais e se transforma em processos internos, interiores do sujeito, ou seja, a partir da fala desenvolve-se o pensamento e o segundo ponto refere-se à criação da consciência por meio da internalização. Conforme Cavalcanti (2005, p. 188-189):

[...] Vygotsky alerta, como dizem seus estudiosos, para o fato de que esse processo não é o de uma transferência (ou cópia) dos conteúdos da realidade objetiva para o interior da

consciência, pois esse processo é, ele próprio, criador da consciência. [...] A importância de processos socioculturais específicos para o percurso da formação da consciência, como é o caso de processos do ensino escolar, e que essa formação é uma construção ativa do sujeito que transforma, via internalização, os conteúdos externos em conteúdos da consciência.

Segundo pesquisadora, de acordo a teoria histórico-cultural de Vigotski, o conhecimento “é uma produção social que emerge da atividade humana, que é social, [...] essa ação humana está subordinada à criação de meios técnicos e semióticos” (Cavalcanti, 2005, p. 189). O homem por ser possibilista geográfico, transforma a natureza com sua ação que são fortalecidas pelo uso das técnicas. O processo de atuação e transformação passa a ser objeto de conhecimento, na mesma via; passa a transformar o homem como sujeito do conhecimento.

A linguagem cumpre sua função como mediadora para que o indivíduo se aproprie da cultura, resultando na formação de sua consciência em uma relação do indivíduo com meio, pois a “[...] linguagem e sua construção está ligada ao pensamento dialético e, portanto, busca compreendê-la no quadro das relações contraditórias e dialéticas entre um constructo objetivo e racional de significados e uma criação individual e subjetiva de sentidos” (Cavalcanti, 2005, p. 190).

Segundo Cavalcanti (2005) nas palavras de Vigotski, desde o princípio a linguagem é social, desenvolvida na pessoa num processo intrapsíquico. A criança vai fazendo a aquisição da língua pelo contato social e no decorrer do tempo vai criando um sistema de signos. A linguagem está ligada a consciência exercendo funções de controle, organização do pensamento e relação social. Já os significados das palavras que compõem a nossa consciência individual são também construídos com o contato com o outro.

A internalização se dá de um plano interpessoal para um intrapessoal, sendo a transição de uma atividade externa para uma atividade interna, essenciais no desenvolvimento psicológico superior. Tal situação cabe na relação aluno/escola, aluno/professor no ambiente escolar, pois o aluno passa a ter contato com novos conceitos científicos. O desenvolvimento de processos superiores

ocorrem primeiro em nível interpessoal, relação com o outro, com o social para depois passar para o campo individual intrapsíquico. “[...] Aprendizagem um importante elemento mediador da relação do homem com o mundo, interferindo no desenvolvimento humano. [...] O bom ensino é aquele que adianta os processos de desenvolvimento” (Cavalcanti, 2005, p. 194). A aprendizagem do indivíduo no contexto escolar se dá mediante relação de aprender com o outro – mediação por meio da palavra, dos signos. (Cavalcanti, 2005).

Vigotski desenvolve o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, conhecida como ZDP. Consiste em uma área que fica entre o desenvolvimento real e desenvolvimento potencial a qual pretende chegar. É nessa área que o professor precisa estimular no aluno “[...] uma série de processos internos e trabalhar com funções e processos ainda não amadurecidos, [...] o aluno é capaz de fazer mais com o auxílio de uma outra pessoa (professores, colegas) do que faria sozinha [...]” (Cavalcanti, 2005, p. 194). No processo de formação de conceitos por via escolar, faz-se necessário que o professor considere as peculiaridades individuais do aluno, a realidade local dos alunos, a geografia cotidiana deles, articulando os conceitos que os alunos já carregam a respeito das categorias geográficas com o conceitos científicos da geografia. É muito válido para o professor de geografia agir nessa zona, contribuindo para que ele e os alunos possam reformularem e ressignificarem seus conceitos prévios das categorias geográficas e, estabelecerem relações em escala local/global. De acordo com Cavalcanti (2005, p. 197), no nível de

[...] abstração e de generalização, o processo de formação de conceitos cotidianos é “ascendente”, surgindo impregnado de experiência, mas de uma forma ainda não-consciente e “ascendendo” para um conceito conscientemente definido; os conceitos científicos surgem de modo contrário, seu movimento é “descendente”, começando com uma definição verbal com aplicações não espontâneas e posteriormente podendo adquirir um nível de concretude impregnando-se na experiência.

Segundo pesquisadora, a geografia tem o papel de analisar a realidade, ou seja, a realidade geográfica. Constituída por conceitos, categorias e teorias como base de construção de seu discurso. Chamamos esse discurso de linguagem geográfica. Para que o aluno possa analisar a realidade de forma geográfica, não apenas

assimilando informações; faz-se necessário no aprendizado de geografia, se apropriar da formação dos conceitos geográficos. “[...] O ensino deve se voltar para a apropriação de significados geográficos, processo que ocorre na negociação de significados resultante da relação dialógica” (Cavalcanti, 2005, p. 199-200).

Para Vigotski, a criança ao atingir um certo nível de um conceito espontâneo, ela consegue estabelecer conexões com outros conceitos científicos correlatos. O desenvolvimento do pensar geográfico ampliado e abstrato, necessita da formação de conceitos. Segundo a autora é no

encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, que pressupõe a formação de certos conceitos científicos, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido (Cavalcanti, 2005, p. 200-201).

Os variados conceitos geográficos como cidade, degradação ambiental, geopolítica, região, lugar, segregação espacial, urbanização e, tantos outros compõem a linguagem geográfica. São fundamentais para o raciocínio geográfico. Tais conceitos ensinados erroneamente são apresentados aos alunos com definição pronta e acaba, levando ao aluno uma reprodução verbal do conceito. Essa forma não possibilita fazer uma análise geográfica que leva a analisar fatos, fenômenos e causas. Tomamos como exemplo o conceito de cidade no arranjo espacial. Na concepção do aluno, o que caracteriza cidade? A cidade vivida por ele. Na concepção do professor; como se dá a cidade observando a paisagem, sendo vista agora como paisagem urbana?

Podemos trabalhar outro conceito relacionado a cidade, o modo de vida. Pode ser entendida como o resultado de uma prática social. Entendia também como modo de produção, fazendo parte de um arranjo espacial ligada ao seu passado histórico. Nesse sentido Rodrigues e Angotti (2023, p. 81-82) destaca que na busca de conceitos mais complexos,

possibilita que o professor problematize os conceitos elementares da criança dando a esta a possibilidade dela repensar sobre os objetos e ações em que está envolta, possibilitando que a criança construa esse referencial a partir

dos conceitos elementares que ela possui. Para tanto, é necessário que o professor compreenda como esse conceito se forma e, assim, proporcionar interações efetivas extraídas da cooperação com a criança.

Nesse sentido Cavalcanti (2005) destaca que o professor é o mediador no uso da linguagem geográfica, proporcionado a negociação e apropriação dos significados. O professor mediador na relação do conceito construído de baixo para cima - aluno - do cotidiano do mesmo com os conceitos científicos de geografia construídos de cima para baixo - escola. Por meio da relação social com o outro, os próprios alunos criam seus conceitos, agora de forma mais sistematizada.

Considerações Finais

Os conceitos mencionados neste trabalho são fundamentais para a compreensão da Geografia enquanto ciência que analisa as relações entre sociedade e natureza na produção do espaço geográfico. A relação do homem com a Terra, mediada pelo desenvolvimento das técnicas ao longo do tempo histórico, intensificou os processos de transformação espacial, tornando indispensável a compreensão das categorias geográficas para a leitura crítica da realidade. Nesse sentido, espaço geográfico, lugar, paisagem, território e região constituem instrumentos teórico-metodológicos essenciais para o ensino-aprendizagem da Geografia nos anos finais do ensino fundamental.

Ao longo do desenvolvimento da Geografia como ciência, tais conceitos foram reinterpretados por diferentes correntes do pensamento geográfico, recebendo novos significados conforme os contextos históricos e epistemológicos. A Geografia Tradicional, a Geografia Possibilista e posteriormente a Geografia Crítica contribuíram para ampliar a compreensão dessas categorias, evidenciando que os conceitos geográficos não são estáticos, mas construções históricas relacionadas às transformações sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade. Dessa forma, compreender os conceitos geográficos implica também compreender

as relações de poder, as desigualdades socioespaciais e as dinâmicas do capitalismo na organização do espaço.

O estudo demonstrou que o ensino dos conceitos geográficos não pode ocorrer de maneira fragmentada, mecânica ou baseado apenas na memorização de definições prontas. Quando os conceitos científicos são apresentados de forma isolada da realidade concreta dos alunos, o processo de aprendizagem tende a limitar-se à reprodução verbal dos conteúdos. Em contrapartida, ao considerar o espaço vivido, as experiências cotidianas e os conhecimentos prévios dos estudantes, o ensino de Geografia torna-se mais significativo, permitindo ao aluno estabelecer relações entre o local e o global, entre sua vivência cotidiana e os processos espaciais mais amplos.

Nesse contexto, a teoria histórico-cultural apresenta importantes contribuições para o ensino de Geografia, especialmente no que se refere ao processo de formação e ressignificação de conceitos científicos. A aprendizagem é compreendida como resultado das interações sociais mediadas pela linguagem, pelos signos e pela atuação do professor. O desenvolvimento do pensamento geográfico ocorre, portanto, por meio da mediação pedagógica, das trocas coletivas e da articulação entre os conceitos cotidianos dos alunos e os conceitos científicos sistematizados pela escola.

A mediação docente assume papel central nesse processo, pois cabe ao professor criar situações de aprendizagem que estimulem a problematização da realidade espacial vivida pelos estudantes. Ao atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal, o professor possibilita que os alunos avancem na elaboração do pensamento abstrato e na construção do raciocínio geográfico crítico. Assim, o ensino de Geografia deixa de ser apenas descritivo e passa a contribuir para a formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e atuar conscientemente sobre o espaço em que vivem.

Além disso, a articulação entre os conceitos geográficos e a teoria histórico-cultural evidencia que o conhecimento geográfico escolar deve favorecer a compreensão das múltiplas escalas espaciais, possibilitando ao estudante perceber-se como sujeito histórico

inserido em relações locais e globais. Essa perspectiva fortalece a construção da cidadania crítica, uma vez que o aluno passa a compreender as contradições presentes na produção do espaço e o papel das ações humanas na transformação das paisagens, territórios e lugares.

Portanto, conclui-se que a construção dos conceitos geográficos, associada aos pressupostos da teoria histórico-cultural, constitui um importante caminho metodológico para o ensino de Geografia. A valorização das experiências cotidianas dos alunos, somada à mediação pedagógica e ao trabalho com conceitos científicos, contribui para um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, reflexivo e crítico. Dessa maneira, o ensino de Geografia pode cumprir sua função social de formar sujeitos capazes de compreender a complexidade do mundo contemporâneo e intervir conscientemente na realidade socioespacial da qual fazem parte.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, M. C. de. **Geopolítica do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989.
- CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CARLOS, A. F. A. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et. al. (Org.) **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CAVALCANTI, L. D. S. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: Uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia, **Cad. Cedes, Campinas**, v. 25, p. 185-207, maio/agosto 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WnXnVgTRQHZttxBQR44gt9x/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 agosto 2024.
- COSTA, F. R. D.; ROCHA, M. M. GEOGRAFIA: CONCEITOS E PARADIGMAS - APONTAMENTOS. **Rev. GEOMAE**, Campo Mourão, PR, 01, n. 02, 2010. 25-56. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/geomae/%20article/view/5756>>. Acesso em: 20 agosto 2024.
- MORAES, A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- RODRIGUES, A.; ANGOTTI, E. M. O papel dos instrumentos e signos culturais no desenvolvimento do pensamento: Contribuições para educação. **Cadernos da Funcamp**, Monte Carmelo-MG, v. 22, p. 70-86, 2023. Disponível em:

<<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2908>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. Texto da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense. GEOgrafia – Ano. 1 – Nº 1 – 1999.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994. 124p.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: **Território, Territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – AGB. Niterói, 2002.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica de geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, M. D. S. F. D.; SILVA, E. G. D. O Ensino de geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, São Critovão, 20 a 22 Setembro 2012. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10180/7/6.pdf>>. Acesso em: 20 agosto 2024.

VIEIRA, W. L.; CAMARGO, E. J. Vygotsky e a psicologia histórico-cultural aplicadas ao ensino de geografia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 07, p. 90419-90434, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36055>>. Acesso em: 20 agosto 2024.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

Sobre os autores

Ubiratan Bomfante dos Santos

ubiratanbomsanto@gmail.com

Aluno do Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Graduação em geografia e lato sensu em geografia do Brasil. Professor de geografia da rede municipal de São Mateus-ES há 22 anos.

Ueber José de Oliveira

ueber.oliveira@ufes.br

Professor orientador do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Professor Adjunto do Departamento de História (DHIS), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em História Social das Relações Políticas - (PPghis-Ufes).